

*Luis Viana Filho*

**M I G U E L**  
**OSÓRIO**

Discurso de posse  
na  
ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS  
e o  
discurso  
do  
acadêmico  
MENOTTI DEL PICCHIA

*"Organização Simões" Editôra*

MIGUEL OSÓRIO



# MIGUEL OSÓRIO

DISCURSO DE POSSE DE  
LUÍS VIANA FILHO  
NA  
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
DISCURSO DO ACADÊMICO  
MENOTTI DEL PICCHIA



ORGANIZAÇÃO SIMÕES  
RIO 1956



DISCURSO DE POSSE DO SR.  
LUÍS VIANA FILHO

*Sessão solene de 15 de abril de 1955*

Apesar do bom conselho de RENAN, que, pregando o recato necessário aos mais fundos e fortes sentimentos, dizia não dever ter o coração senão a si próprio por espectador, quero vos dar testemunho do meu reconhecimento, pela indulgência com que me fizestes subir até vós, falando-vos com o coração nas mãos.

Falar-vos-ei, pois, com simplicidade. Com aquela simplicidade preconizada por PLATÃO ao discípulo, que, recebido no Jardim de Academo, lhe perguntava como agradecer. “Amigo, com simplicidade”, respondeu o mestre. Também assim, livre de qualquer artifício, de-sejo dirigir-me a vós nesta hora em que, graças à vossa generosa acolhida, me é dado colocar o meu modesto escudo ao lado daqueles com que tanto vos tendes distinguido nos ser-

viços aos altos ideais de cultura e de beleza. Imaginai, pois, a emoção com que alcanço estas cumiadas perseguidas pelos meus sonhos. Emoção e humildade, permiti que vos diga, pois, ao par das minhas alegrias, também vive em mim neste momento intensa simpatia por todos aquêles cujos esforços e aspirações, embora elididos desta ou daquela forma pelo destino, constituem a base sôbre a qual, na cultura de uma nacionalidade, se levantam os mais favorecidos. Faltaria, porém, à verdade se vos dissesse, como pôde fazê-lo AFRÂNIO PEIXOTO ao transpor os vossos umbrais, que vejo consagrada a "minha ambição de criança". Realmente, não me nasceu cedo a aspiração da Academia, do mesmo modo que não me foi precoce a ambição literária. Até porque, dado o ambiente que me cercou a infância, e por mais que meu Pai se desvelasse por afastar de mim o demônio da Política, foi esta que primeiro medrou, confundindo-se com a própria vida que começava a desdobrar-se aos meus olhos. Sòmente mais tarde, já às portas da Faculdade, e quando o jornalismo deslumbrou a imaginação do adolescente, é que as boas letras começariam a interessar-me. Como a vida é sutil! O que eu acreditava ser o caminho largo para a política levar-me-ia conco-

mitante e irresistivelmente para o campo das letras, que, bem ou mal, não mais pude deixar, tanto é certa a observação de Schopenhauer de que o homem nunca pode “querer o que quer”. Nem por outra cousa a escalada se me tem afigurado suave e breve, de modo tal que me permitiu aqui chegar sem precisar vos falar das fadigas da jornada, mas antes nos encantos com que me enlevou. É que, para me estimular e ajudar, sempre contei com aquela que jamais falta aos seus filhos, nos esforços da inteligência — a Bahia. A Bahia, fonte de tôda a minha inspiração, e onde sei que, nesta hora, sincronizados com as minhas emoções, palpitam os corações de alguns amigos, que eu desejaria estreitar fraternalmente.

Bem mais recente ainda foi em mim a aspiração da Academia, na qual comecei a pensar tímidamente, receoso de que me ficasse “curta nas mangas”, como diria Eça de Queirós.

Entretanto, tal a magnanimidade dos vossos sufrágios que aqui estou para suceder — e nunca para substituir — o sábio MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, na cadeira em que os vossos fundadores fizeram inscrever o nome de JOSÉ BONIFÁCIO, o Moço, tão caro a quantos

perpassaram aquelas páginas de eloquência em que Rui Barbosa lhe exaltou as peregrinas virtudes do professor, do poeta, e do cidadão. Aliás, a própria história da escolha do ilustre patrono é bastante para se lhe avaliar a estatura. Ao instalar-se, em julho de 1897, a Academia não tinha completos os seus quadros: restavam cinco cadeiras para preencher, e, para uma delas, foi convidado MEDEIROS E ALBUQUERQUE, a quem JOAQUIM NABUCO, ao tempo em que lhe indagava do nome do patrono, lembrou a lista dos grandes esquecidos: ALEXANDRE DE GUSMÃO, TÔRRES HOMEM, JOSÉ DA SILVA LISBOA, PÔRTO ALEGRE, ODORICO MENDES, ANTÔNIO CARLOS, JOSÉ BONIFÁCIO, O PATRIARCA, e JOSÉ BONIFÁCIO, O MOÇO. MEDEIROS, de pronto, fixou-se neste último. Por quê? Admiração pelo poeta? Entusiasmo pelo professor? Arrebatamento pelo orador? Nada disso. “Certa ocasião” — conta-nos o próprio Medeiros — “de fato, nos longes tempos da monarquia, fôra eu ao Senado. Era a época da Abolição. A mocidade vibrava em prol da grande idéia redentora, à qual o trono imperial se opunha formalmente. Quando entrei no Senado, que nesse dia regurgitava, JOSÉ BONIFÁCIO estava com a palavra. Todos o ouviam em religioso silêncio, um silêncio que se poderia dizer majestoso e insólito. Nesse dia

ninguém aparteava. As galerias, repletas de ouvintes, bebiam, também silenciosas, as palavras do orador. Cheguei. Entrei para o corredor junto ao recinto e fiquei ouvindo o discurso. Afinal, quando êste acabou, vi o orador descer da tribuna no meio de uma explosão formidável de aplausos. Desceu apressado, extremamente pálido, mas com um olhar rutilante de energia. Alguém o tomou pelo braço e arrastou-o para o gabinete dos senadores. — Que queria dizer aquilo? JOSÉ BONIFÁCIO estava muito doente do coração. Seu médico lhe dissera que êle não podia tomar parte na discussão daquele dia. Se o fizesse, era até de temer que sucumbisse na tribuna.” Entretanto, indiferente ao perigo, fiel ao ideal, José Bonifácio incendiara a tribuna com as labaredas da eloquência. O episódio, no que tem de épico, gravar-se-ia na memória de Medeiros, a quem, por sinal, apenas desta feita seria dado avistar o autor de *Rosas e Goivos*, que, dias mais tarde, morria em São Paulo. Portanto, bem estais a ver, o patrono escolhido por Medeiros e Albuquerque não era o orador, não era o professor, não era o poeta — era o cidadão, no que êle tem de mais grandioso, que é a coragem de sacrificar-se fria e conscientemente pelos seus ideais.

Realmente, que há de mais sublime e mais nobre do que essa marcha para a tribuna a cuja volta todos, inclusive o próprio orador, sabem adejar o anjo da morte? Para mim, a cena é daquelas que mostram ser a alma humana, por si só, quando verdadeiramente grande, maior do que todos os atributos que lhe possam dar o talento, a cultura, ou a inspiração.

Aliás, embora tenham as circunstâncias conspirado para que, trazido pelo deslumbrado MEDEIROS E ALBUQUERQUE, aqui entrasse pela porta magnífica da bravura cívica, o certo é que JOSÉ BONIFÁCIO também poderia, honrosamente, ingressar pelas da eloquência, da poesia, ou das letras jurídicas. De fato, em que pese ao juízo de SÍLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO, que, numa história literária composta de parceria, afirmaram “não ser o famoso paulista mais do que um orador acadêmico e um poeta de talento”, a realidade é bem diversa. Destinado à carreira das armas, em cujos segredos, dos 15 aos 18 anos, chegou a enfronhar-se na Escola Militar, não lhe permitiu a saúde o término do curso. Transferiu-se, então, para os estudos jurídicos, e, em 1854, aos vinte e sete anos de idade, aceitava a nomeação para lente substituto da Facul-

dade do Recife, iniciando assim a portentosa trajetória do professor, cuja memória ainda hoje se projeta como a de um dos maiores da gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo, que, para se honrar, lhe ergueu uma estátua. Do que foi, porém, a sua posição como guia de muitas gerações que passaram pelo famoso Convento de São Francisco, são testemunho aquelas palavras de RUI BARBOSA, seu discípulo, e tantas vêzes repetidas na glorificação do mestre: “Quando José Bonifácio assomou na tribuna, tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza da ciência que abraçávamos. A modesta cadeira do professor transfigurava-se; uma espontaneidade esplêndida como a natureza tropical borbulhava dali nos espíritos encantados; um sôpro magnífico animava aquela inspiração caudal, incoercível, que nos magnetizava de longe na admiração e no êxtase”. E êsse deslumbramento da mocidade como que se reflete por inteiro nesta frase tranqüila, mas nem por isso menos eloqüente de CASTRO ALVES, que, chegado a São Paulo, escrevia: “Estou na Academia, ouvindo o grande Bonifácio”. Sem dúvida, dizia tudo. Não podemos nem devemos, porém, esquecer que, para realçar a figura do professor, havia a moldura do homem público, do deputado,

do ministro de ZACARIAS, do senador, do abolicionista, e, talvez mais do que tudo isso, do político, que emocionara a nação ao recusar o Poder oferecido pelo Imperador.

No Parlamento, deputado geral pela primeira vez em 1861, e senador em '79, por ocasião da ascensão liberal com Sinimbu, daria José Bonifácio largas à sua eloquência, máxime na fase final, quando se tornou, no Senado, um dos campeões do abolicionismo. "O grande orador paulista, escreve JOAQUIM NABUCO, aliava à palavra mais arrebatadora que em sua época se fêz ouvir em nosso país a imaculabilidade do caráter." E Joaquim Serra, patrono de uma das vossas cadeiras, assim retrata o "morto imortal": "Quando aquela cabeça aparecia na tribuna do parlamento, como um globo de luz, aquela alma afinada no mais puro patriotismo desdobrava-se com a transparência de uma aurora. Ninguém teve entre nós tamanha magia na eloquência, e nunca astro da eloquência alçou-se àquela culminação". Eram aquelas alturas invocadas no elogio de RUI BARBOSA, e das quais "se despenhava a palavra de José BONIFÁCIO, a bater de fraguedo em fraguedo, a estrugir de quebrada em quebrada, a chispar de aresta em aresta, a iriar-se de raio em

raio do sol, até se espriaiar, estuando, na imensa bacia de sua foz”.

Ao “eco sonoro”, onde fielmente repercutem todos os ruídos do universo, comparou Vítor Hugo o coração do poeta. Não admira, pois, que no coração de José Bonifácio, que nascera poeta, — *Poeta non fit, sed nascitur* — tivesse repercutido tão fortemente a Abolição, nota final e grandiosa da sua eloquência. De fato, desencadeada a campanha de abolição, que toma corpo ao iniciar-se a década de 80, vem êle juntar-se, posteriormente, ao movimento. E o faz com tal brilho e intensidade que NABUCO, ao dar o balanço daqueles dias históricos, não se exime de afirmar que a adesão de JOSÉ BONIFÁCIO à idéa abolicionista “foi um contingente igual à libertação do Ceará”. Que fôrça não teria aquêle verbo para ser equiparado à incorporação de tôda uma província à causa da liberdade? “Sua palavra”, escreve Pujol numa síntese, “cristalizava tôdas as maravilhas e tôdas as vibrações da natureza”.

Mas, das múltiplas facêtas por que se afirmou a privilegiada inteligência do neto do Patriarca, não foi das menos belas a da poesia, que trouxe do berço. É certo que, no *Diálogo sôbre os Oradores*, ao comparar a elo-

quência com a poesia, escreveu Tácito que os frutos propiciados por esta se limitam apenas “a um prazer breve e a louvores frívolos e estéreis”. Não será o caso de JOSÉ BONIFÁCIO, cujos versos, acredito, sobreviverão de muito aos seus discursos. É que, malgrado a opinião de José Veríssimo, que o chamou poeta dileitante, o “poeta do amor e da saudade” viverá sempre, nas letras brasileiras, pela beleza, inspiração, harmonia, e, em alguns casos, a força dos seus versos. Aliás, tendo vivido numa época em que a composição literária era considerada tudo, menos trabalho, máxime trabalho em busca de remuneração, não sei como pudesse JOSÉ BONIFÁCIO deixar de ser um poeta dileitante. O epíteto, por sinal, faz-me lembrar aquêlé episódio narrado por ARTUR AZEVEDO, que, estando numa roda a se queixar do quanto necessitava trabalhar para ganhar a vida, nos diz que um dos presentes, “homem maior de 50 anos, bem trajado, sabendo ler e escrever corretamente, sorriu, teve uma leve inclinação de cabeça, e replicou incontinenti: — “Deixe lá! O senhor não trabalha tanto assim, pois vejo que ainda lhe sobra tempo para fazer folhetins, comédias e revistas!”

Ao autor de *Rosas e Goivos*, em meio aos seus trabalhos e lutas, também sobrou tempo

para fazer versos. Nem pôdia deixar de ser assim, se cantar era o seu destino. Êle próprio escreveria êstes versos dedicados “A um Poeta” — CASTRO ALVES:

*Poeta — é teu condão cantar no mundo.*

*Deus fadou-te ao nascer :*

*Passarás como o cisne em lago d'ouro*

*Cantando até morrer.*

Compreendeis, portanto, a razão que me assiste ao asseverar que JOSÉ BONIFÁCIO, se entrou para a galeria dos vossos patronos como um belo e imenso exemplo de civismo, segundo a confissão de MEDEIROS E ALBUQUERQUE, também não forçaria as portas se ingressasse como um dos cimos da poesia, da oratória, ou do magistério, no Brasil. Tanto melhor, porém, que êle haja vindo como veio, isto é, pela pureza do caráter e a fôrça do patriotismo, traços inconfundíveis da sua desprendida personalidade. Que poderá haver de maior, de mais nobre, e de mais belo na vida de alguém do que se immortalizar por um civismo immaculado? “O coração mais nobre, que jamais pulsou em peito de homem”, diria dêle JOAQUIM SERRA. E MACHADO DE ASSIS, tão acusado de frio e parco nas suas expansões, não se

furtou a compor êstes versos, por ocasião da morte de José Bonifácio, a quem tão bem conhecia do Senado Imperial:

*Caro e vibrante espirito, caiste !  
Não ao pêso dos anos, mas ao pêso  
Do teu amor à nossa pátria amada !  
E ela, que fica desvairada e triste,  
Chora, lembrando o verbo teu aceso,  
Filho de Andrada, e portentoso Andrada !*

Sinal de que o tímido e distante MACHADO DE ASSIS também se deixara conquistar por aquêlê cavaleiro do ideal, que, na cátedra, inflamara e arrebatara a juventude. Não concluirei, porém, êsse rápido perfil, mero esbôço da figura do gigante, sem lembrar aquela imagem com que JOAQUIM NABUCO, depois de resumir a ação do idealista, assim se refere à atuação de JOSÉ BONIFÁCIO na vida pública brasileira: “O que deixa, sim, em nossa política, é um deslumbramento, como a passagem de um novo Lohengrin, cujo verdadeiro nome só se revelará em 1885 e 1886 nas lutas da Abolição, no Senado, quando o cisne que o trouxe aparece de novo para levá-lo”. E já estava às vésperas de partir quando Medeiros e Albuquerque, na ocasião um adolescente,

guardou para sempre a imagem e a bravura do orador, que, na defesa dos seus ideais, arriscava a própria vida. Aí tendes, senhores, a singular figura de José Bonifácio, a quem chamaram de “majestoso e olímpico”, em boa hora escolhido por patrono da cadeira que Medeiros tanto enalteceu durante cêrca de quatro décadas. A escolha, se honra quem a fêz, mostra também de logo o temperamento entusiasta de Medeiros, que, ante a grandeza e a superioridade, seguia o conselho de Schiller: — admirava-as! Quantos, porém, têm fôrça para externar o louvor pela obra alheia? Medeiros, no entanto, teve uma imensa e generosa capacidade de admirar. Foi nisso belo e limpo de alma. E, se não me é dado, agora, pela escassez do tempo, apreciar a vasta obra do polígrafo — romancista, poeta, contista, crítico, jornalista, — que durante quase meio século mourejou nas letras nacionais, enriquecendo-as, desejo, pelo menos, trazer um tributo de admiração pelo homem que teve a ventura de não conhecer a inveja ou o despeito, que deformam e atormentam a perspectiva dos que se não desvencilham dêsses venenos. E que trabalhador infatigável! Entre as muitas idéias semeadas por Nabuco, no formoso discurso em que buscou traçar os ru-

mos da Academia, está aquela com que nos escusa, graças a Deus, de produzirmos incessantemente. “Alguém fez uma bela obra? Admiremos a obra e deixemos o autor viver como tôda a gente; não o forcemos, querendo que se exceda a si mesmo, a refazer-se, uma e mais vêzes, a viver a sua reputação, diminuindo-a sempre. Não o condenemos à série, deixemo-lo desaparecer na fileira depois de ter feito uma brilhante ação como o soldado”. A frase, evidentemente, não se fez para MEDEIROS, que jamais precisou dormir sôbre os louros tão cedo conquistados. Continuou sempre a trabalhar e a crescer, pois era dêsses que podem produzir muito sem abaixar o valor da própria obra. E, modestamente, com entusiasmo, animava os outros a elevarem-se ainda mais. Certa feita, justamente na época em que estavam no auge as discussões suscitadas pelo futurismo, dizia: “Subam os moços; nós aqui estamos para lhes mostrar, não o máximo, mas o mínimo a que podem atingir”. Felizes, porém, os que alcançarem chegar tão alto quanto MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

Aliás, embora subisse tanto, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, que estudou medicina e possuía inteligência extremamente curiosa, não perdeu nunca o gôsto pela ciência. Ciência de-

sordenada, cultivada em horas vagas, e que tanto fazia dêle o cultor sensacional do hipnotismo quanto o primoroso precursor da divulgação da doutrina de Freud, no Brasil. Nem são de esquecer as invenções com que obteve algumas patentes em Paris e Nova Iorque. Delas, êle próprio nos deu conta num dos capítulos das suas *Memórias*, e, para acrescentar um traço a êsse breve perfil, será oportuno lembrar o prazer com que se gabou de haver idealizado, em 1918, um engenho baseado no princípio dos motores-foguetes, e que, para a imaginação de Medeiros, tornaria coisa sem sabor de novidade os nossos espantosos aviões a jato.

Era assim MEDEIROS E ALBUQUERQUE um grande homem de letras a fazer incursões de amador pela ciência.

\*

\*        \*

Ao empossar-se nesta cadeira, que tão cedo deixou, dizia MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA não saber a que devia a sua eleição: "Se ao romance que se encontra em tôda a obra de ciência, mesmo a mais severa e árida, se à ciência e experiência que se acham em todo

romance ou obra de imaginação”. Naturalmente não desejava ser juiz em causa própria. Entretanto, para opor à dúvida por êle modestamente suscitada, não encontro melhor resposta do que aquelas palavras que proferiu RENAN na Academia Francesa, ao preencher-se a vaga de CLAUDE BERNARD: “Não foi o fisiologista que escolheste, senhores; nas eleições dos sábios ilustres, é o próprio homem, ou, em outras palavras, o escritor que ides buscar. A inteligência humana é um conjunto tão bem ajustado em tôdas as suas partes que um grande espírito é sempre um bom escritor”. Por certo, fôra bem êsse o caso de MIGUEL OSÓRIO, em quem a marca do escritor e do artista era tão viva que jamais se deixou ofuscar pelos labôres do cientista ou as eruditas lições do professor. A bem dizer, tudo constituía a luz do mesmo sol, e tal circunstância não permitia as sombras que realçassem esta ou aquela facêta da admirável inteligência. Razão tinha êle, no entanto, ao nos falar do romance que existe em tôda a obra de ciência. Romance que escapa aos olhos profanos, mas que podemos imaginar ou entrever se nos voltarmos para a existência daqueles que, nos vários departamentos da atividade e do conhecimento humano, se têm

deixado fascinar pelas aventuras em busca do desconhecido. Realmente, o desconhecido é sempre o desconhecido e há milênios que o homem, levado por curiosidade irresistível, tenta desvendá-lo, sejam quais forem as formas por que se apresente. Uns buscam novos mares e novas terras; outros devassam os céus à procura de astros, estrêlas ou satélites; e não faltam os que consomem a existência em busca do muito que ainda ignoramos da vida, nas várias formas por que se apresenta aos nossos sentidos. E todos, irmanados nessa bendita e inexorável atração do desconhecido, experimentam os mesmos prazeres da descoberta. Ao dobrar o cabo das Tormentas, limite máximo a que podia atingir a audácia humana ante as concepções de Ptolomeu, a emoção de Vasco da Gama não devia diferir da experimentada por Galileu ao reconhecer os satélites de Júpiter. E Lavoisier, ao fixar as leis da respiração, ou Pasteur, ao dividir todo o mundo microbiano, estavam dominados por um sentimento comum de perseguição ao ignorado. Da mesma forma que Colombo, Newton ou Harvey, cada qual num campo inteiramente diverso, agem sob o impulso de ambição idêntica. Ambição que é um misto de curiosidade, isto é, o desejo de ver o

que outros ainda não viram, e de dúvida, que é a inconformidade ante o que em dado momento representa a verdade. Em suma, buscam ampliar a verdade que existe, ou substituí-la por uma nova, que os fascina.

Ao agradecerem o “Livro de Homenagem”, tributo de amigos, professôres e discípulos a mais de trinta anos de exemplar dedicação à ciência, lembraram os eminentes **ÁLVARO** e **MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA**, numa evocação do lar privilegiado em que nasceram, o ambiente no qual “a cultura intelectual, ao lado da intransigência do caráter, e o grande respeito pelo trabalho, ocupava o primeiro lugar”. Não admira, pois, que bem cedo fôsem ambos seduzidos pela ciência, que a êles se apresentou sob o signo da fisiologia. O primeiro a anunciar o surpreendente propósito — o que parecia temerário, se não absurdo — foi o Sr. Álvaro Osório de Almeida, que, em 1906, diplomado em medicina, partira para completar os seus estudos no Instituto Pasteur, em Paris. Voltara inebriado pela fisiologia. E não tardou que, no modesto porão da casa da Rua Almirante Tamandaré, residência do casal **GABRIEL OSÓRIO DE ALMEIDA**, começasse a ser instalado, com a generosa ajuda de Cândido Gaffré, o laboratório, cuja

lembrança está hoje, inegavelmente, associada a história da ciência no Brasil. MIGUEL OSÓRIO, mais moço, logo lhe seguiu os passos, muito embora chegasse a matricular-se no curso anexo da Escola Politécnica. Assim, tal como uma das personagens do seu romance, não seguiria a carreira do pai. “Afimal tôdas as profissões eram belas e nobres quando se trabalhava com afinco”, escreveria mais tarde. E não é essa, mais ou menos, a observação de Pasteur, em plena adolescência? — “Quase sempre também o trabalho tem o êxito por companheiro.” De fato, quando, passada aquela fase inicial de surpresa e incredulidade, se soube da publicação dos trabalhos dos irmãos Osórios em revistas científicas estrangeiras, colheram êles os primeiros louros. Ainda não era a glória. Mas, já as brumas da desconfiança dissipavam-se tangidas pelo entusiasmo e a inteligência dos pesquisadores.

E, durante mais de quatro décadas, alargando-a cada vez mais, graças à experiência e aos conhecimentos acumulados, trilhou MIGUEL OSÓRIO a estrada escolhida numa hora que se diria de irreflexão da mocidade. Viveu assim o seu romance, o romance do cientista e do pesquisador a cujos olhos as simples reações de uma rã a que retirou os labirintos se

apresentam como novos mundos desvendados nos seus segredos. Não é essa a alma e também o segredo do cientista, que Faraday, numa definição citada pelo Sr. Tales Martins, assim retrata?: “O cientista deve ser um homem acessível a qualquer sugestão, mas determinado a pensar por si mesmo. Não influenciado pelas aparências, nem renitente em hipóteses favoritas, nem pertencente a nenhuma escola. Em doutrina, não admitir mestre. Não respeitar pessoas, mas só obras; a verdade deve ser o seu objetivo primário. Se a todas essas qualidades acrescentar pertinácia, então poderá ter esperança de atravessar um dia a cortina que vela o templo da Natureza”. Assim, como se está a ver, deverá situar-se num ponto de equilíbrio que, ao mesmo tempo, lhe permita ter fé nas verdades a descobrir e duvidar daquelas que encontra consagradas. Nem deve possuir o dogmatismo de Pouchet, o célebre contraditor de Pasteur, nem se pode deixar enlear pelas sutilezas dos céticos. Dêstes estou mesmo a lembrar-me de ANATOLE FRANCE, tão do agrado de MIGUEL OSÓRIO, e que, pela bôca de Jérôme Coignard, assim falava da ciência a Tournebroche: “Os mais doutos entre nós apenas diferem dos ignorantes pela faculdade que adquirem de se

divertirem com erros múltiplos e complicados. Eles vêem o universo num topázio lapidado em facêtas em vez de vê-lo, como vossa Mãe, por exemplo, com o olho todo nu que o bom Deus lhe deu. Mas, eles não mudam de vista ao se armarem de lentes; não mudam as dimensões usando aparelhos próprios para medir o espaço; não mudam os pesos pelo emprêgo de balanças muito sensíveis; eles descobrem novas aparências e são por aí o joguete de novas ilusões. Eis tudo"! Benditas ilusões, senhores, que têm feito a humanidade progredir incessantemente através dos séculos. Não exagero se disser que, não sendo nada, elas são quase tudo. Miragens, sonhos, ilusões... que importam se é por elas e com elas que o homem tem encontrado energia e estímulo para a sua permanente ascensão? Para assinalar a longa caminhada da nossa espécie, lembra Henri Poincaré a posição do homem há alguns milhares de anos, quando, isolado em meio a uma natureza onde tudo para êle era mistério, e vendo os fatos do universo como a consequência de alguma vontade caprichosa, atribuía todos os fenômenos à ação de pequenos gênios fantásticos e exigentes com os quais buscava "conciliar-se por meios análogos àqueles que se empregam para alcançar as boas graças de um ministro ou de um depu-

tado". Realmente, sòmente descobertas as leis que presidem à mecânica celeste ou explicam meros fenômenos de todo o dia, começou o homem a libertar-se da inquietação com que o atormentavam aquêles deuses caprichosos. Às primeiras leis da Astronomia vieram juntar-se outras da Física, da Química e da Biologia, concorrendo para que se alargassem cada vez com mais segurança as perspectivas do homem sôbre o universo. E que foi isso senão o esfôrço, o trabalho de homens que duvidaram do que encontraram, e acreditavam no que ainda procuravam?

Homens que buscaram a verdade, e entre os quais, em tão boa hora, se alistou o sábio MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, para quem o desconhecido era "o domínio próprio do pesquisador". "Um domínio fictício, irreal, cujas leis e cujas regras não se acham escritas, e ainda ignoramos", conclui o ilustre fisiologista, que bem devia saber por que motivos citava esta frase de Wagner, que retiro de um dos seus ensaios: "Aquêle que não fôr dotado por uma fada, desde o berço, do espírito de descontentamento de tudo o que existe, nunca chegará à descoberta de coisas novas". Mas, já que me tem sido dado falar da verdade, ou melhor, da busca da verdade como o objetivo dos cientistas, não é inoportuno assinalar a

distância que os separa dos filósofos. Enquanto êstes correm atrás de uma verdade que deverá ser total e definitiva, aquêles, talvez mais modestos, contentam-se com uma verdade que sabem parcial e precária, mas nem por isso menos exigente. “Ah! essa inexorável verdade!” — escreve MIGUEL OSÓRIO — “Que sacrifícios ela impõe à vaidade, ao amor-próprio! Que humilhações ela faz sofrer! Mas, ela é a verdade, tudo o mais desaparece diante dela e só tem a genuína alma de sábio quem assim a considera”. Conceito que, mais tarde, num artigo sôbre “Filósofos e Cientistas”, êt assim completaria: “O calmo e tranqüilo pesquisador científico é um mutilado de nascença, ou faz o sacrifício voluntário de belas e importantes partes de sua personalidade. Para adaptar-se às condições de sua tarefa, êle se priva de uma boa porção de sua atividade criadora. Desiste de conhecer a Verdade, convencido prèviamente ou forçado a admitir, depois de inúmeras desilusões, que ela é inacessível, para se contentar em descobrir pequenas verdades parciais, fragmentárias, que o acabam satisfazendo, ou são úteis e necessárias”. Nem por isso, entretanto, essa verdade que concebia como “essencialmente móvel, elástica”, e “em permanente evolução”, se lhe afigurava menos bela. Tanto assim que

dizia, dirigindo-se aos seus alunos da Escola de Veterinária: “A vós que começais, eu peço portanto: amai as nossas verdades atuais como organismos cheios de vida, exuberantes na sua fôrça e fecundos nos seus ensinamentos. Mas, eu vos lembro, evitando assim uma amarga desilusão, fatal para muitos insufficientemente esclarecidos, que de um momento para outro elas poderão desaparecer. Não as amaldiçoéis então, como usurpadoras de uma posição que não lhes competia. Fomos nós que, em momentos de mal contido entusiasmo, levianamente quisemos lhes atribuir uma imortalidade que não lhes era própria. Elas são, por natureza, efêmeras, e por isso mesmo são essencialmente belas. Na frase do poeta, não é belo só o que é efêmero?”

Nesses pensamentos, que propositadamente citei com largueza, vemos nítido o perfil do apaixonado pela verdade científica, e, mais do que isso, do homem que meditou profundamente sôbre o fato científico. Não se acredite, no entanto, que, dedicado a pesquisas, que tanto o enlevaram e elevaram, deixou de ter olhos para ver o mundo, a vida que lhe corria em derredor, e além dos limites do laboratório. É que nisso não foi como dizia ou queria Claude Bernard, pai da moderna fisiologia, e para quem “o fisiologista não é um

homem do mundo: é um sábio, é um homem absorto por uma idéia científica que persegue; êle não ouve mais os gritos dos animais, não vê o sangue que corre, não vê senão sua idéia e não percebe senão organismos, que lhe escondem problemas que deseja descobrir". Não, MIGUEL OSÓRIO não era assim. Não sòmente a sua intelligência era muito grande e inquieta para se conter exclusivamente nas fronteiras da fisiologia, mas também suficientemente clara para compreender os seus transbordamentos. Dominado pelas "grandes inquietações de um espírito ansioso, que tanto torturaram minha mocidade", diz-nos o próprio MIGUEL OSÓRIO, nêle cedo se arraigara "um ideal de cultura, de saber, de criar as bases para um desenvolvimento intelectual e moral para o país e para a humanidade". Por certo, a aspiração era ampla demais para caber num puro ideal científico. Aliás, êle o reconheceu nesta página, que tomo como uma confissão intencional: "Entretanto a ciência não é tudo e não pode tudo no mundo. No fundo, ela prepara para a ação e fornece-lhe os meios, mas não cria os motivos de ação. Admirável como instrumento, é limitada em extensão. O homem tem em si aspirações pouco definidas e de uma fôrça incrível, que escapam à intervenção direta da ciência".

Sinal de que a alma do cientista conservava janelas abertas para a vida, e por elas continuava a ouvir os gritos dos animais e ver o sangue vertido no curso das experiências. Não sei se êsse desvio do modelo idealizado por CLÁUDIO BERNARD representou brechas na armadura do cientista. Mas, o que não tenho dúvida em afirmar é que serviu para mantê-lo em útil contacto com o mundo, e multiplicar-lhe a fôrça de expressão, que se cristalizou em tudo quanto disse ou escreveu. Além do que êle próprio parecia ter consciência disso ao proferir, aqui mesmo, estas palavras tão límpidas e felizes: “Os homens de ciência de minha geração cedo compreenderam a impossibilidade de isolamento no qual se compraziam. Se há sábios apaixonados pelas pesquisas, que a tudo preferem os quase inacessíveis domínios das idéias e conhecimentos, outros nunca de todo perderam o contacto com o mundo ativo e sofredor. Os primeiros são anacoretas para os quais não existem tentações fora do deserto; em lugar do areal adusto e ressecado, sob sol escaldante e esterilizador, encontram a sombra de frondosa árvore, os olhos se deleitam na contemplação de rica e luxuriante floração, os ouvidos percebem o rumor sussurrante das idéias a esvoaçarem, aladas e puras, à procura da cabeça dos elei-

tos. Os segundos, mesmo quando nesse deserto, têm ao ouvido o eco das vozes humanas, raramente alegres, os mais das vezes elevadas em lamentos e não raro em imprecações”. Não se imagine, porém, estar aí a prévia desculpa do cientista, que, por não ter feito tudo quanto podia fazer, deseja justificar-se ante a posteridade. Longe disso, ninguém terá trabalhado mais, pesquisado mais, produzido mais, do que MIGUEL OSÓRIO. Mais de trezentas publicações científicas lhe atestam o labor insano, e que somente poderia ser suportado por quem verdadeiramente amasse a sua ciência, tanto é certo que a paixão, seja qual fôr a sua forma, costuma tornar leves os fardos que impõe. Não é, porém, pelo número ou pela extensão que lhe devemos avaliar o mérito, mas, precipuamente, pela originalidade e excelência do que produziu, e que o imortaliza no campo dos conhecimentos humanos. Nem foi por mero elogio, mas por verdade rigorosa, que o eminente Sr. ROQUETE PINTO assim se exprimia ao receber nesta Casa o Sr. MIGUEL OSÓRIO: “Tendes sido o exemplo da vossa geração, arquiteto de edifícios biológicos complexos e úteis, alguns belos e poéticos”. E acrescentava pouco adiante: “O caráter dos vossos trabalhos de fisiologia experimental é definido pelo arrôjo das concepções, segu-

rança da técnica, quase sempre criada por meios próprios, a tenacidade com que perseguis a verdade que se esconde ou negaceia, quando no determinismo das indagações aproveitais recursos precisos, inclusive os do simbolismo matemático”.

Mas, até atingir a êsses páramos, quantas decepções, quantos sofrimentos. Nem podemos olvidar que, ao ouvir a voz do irmão mais velho, que o convocava para a árdua vida de cientista, escolhia MIGUEL OSÓRIO um ramo de atividade quase inexistente no país. De fato, em matéria de ciência talvez não se pudesse falar senão do Instituto de Manguinhos, que mal dava os primeiros passos. E, se nos voltássemos para a Fisiologia, nada parecia se haver acrescido ao que deixara o inditoso Louis Couty, morto aos trinta anos, em 1884. Tudo faltava. E, mais que tudo, êsse apoio moral, êsse estímulo generalizado da sociedade, que dão energia para arrostar as dificuldades e vencer os obstáculos. Vira-se, assim, confinado em uma “atmosfera asfíxiante, em um ambiente de pequeninas, mas constantes hostilidades”. Era doloroso. E, como se fôsse advertência, grito, protesto do homem cortado na própria carne, escreveu êle estas palavras amarguradas sôbre a sorte dos homens de ciência no Brasil: “Só quem possui

uma organização de uma rijeza a tôda prova resiste ao mesmo tempo às dificuldades materiais e a êsse ceticismo dissolvente, a essa descrença destruidora de tôdas as energias. Como se defender sempre vitoriosamente contra essas doses de veneno inoculadas a todo momento? É aqui um sorriso de incredulidade, ali um olhar de compaixão, mais adiante alguém considerando com pena a falência da carreira que poderia ter sido feita, enfim a demonstração, aparentemente lógica, da inutilidade de uma vida consagrada às coisas de espírito”. Triste? Certamente. O admirável, porém, e que mostra a fôrça da paixão do cientista, é haver em seguida, e apesar de tudo, assim concluído: “Mas ainda mesmo nas condições atualmente existentes no Brasil, a vida científica é bela. Ah! Isso eu posso vos garantir! Desprezados e esquecidos, ou cercados de honras, tudo isso, na realidade, não tem a menor importância para os homens de ciência. Êles encontram em seus trabalhos uma fonte inexaurível de emoções, de encantos, de esperanças e de desenganos, de alegrias e de dores. Êles vivem intensamente, dessa forma de vida, grande, elevada, digna, pura, diante da qual tôdas as agitações, tôdas as grandezas ou misérias sensíveis são um nada: a vida interior. A ciência é dos ca-

minhos que conduzem a êsse retiro, refúgio inviolável, intangível, onde a alma se retempera de tôdas as fadigas. Eles trabalham na construção de alguma coisa de eterno, de imortal, que não se sabe bem o que vai ser, mas cuja natureza, quase sagrada, é perceptível e não nos engana”. Realmente, para os que a amam verdadeiramente, a ciência tem belezas que fazem esquecer tôdas as asperezas da escalada. Não uma beleza sensível, pois escapa a todos os sentidos, mas, uma “beleza intelectual”, e que bem podemos compreender neste pensamento de Poincaré: “O sábio não estuda a natureza porque seja útil, mas porque nisso encontra prazer, — e encontra prazer porque é bela”. Não é também o que nos ensina o grande infelizmente cientista nacional, o Sr. AMOROSO COSTA? “O valor supremo da ciência não é o seu valor de utilidade prática, nem mesmo o seu valor de verdade, é o seu valor de beleza”. Por certo somente os eleitos — e os eleitos são sempre poucos — poderão perceber e compreender essa beleza apenas vista pelos olhos do espírito, mas nem por isso menos verdadeira e sedutora. E, dentre aquêles poucos, foi o Sr. MIGUEL OSÓRIO, sem favor, dos maiores: nas harmonias da natureza, viu coisas que, antes, a ninguém tinha sido dado ver.

Não preciso revestir-me de falsa modéstia para proclamar o quanto me falta para analisar, e, em certos casos, até para compreender, uma obra científica como a de MIGUEL OSÓRIO, cuja apreciação requer fundos conhecimentos de Matemática, de Física e de Biologia. Contudo, não devo deixar de mencionar aquêles seus trabalhos de maior repercussão universal e com os quais tanto enalteceu a inteligência e a cultura da nossa pátria. É que, embora conservasse abertas para a vida aquelas janelas da alma de que vos falei, o cientista estêve sempre presente, se não dominante na extraordinária personalidade do artista, do escritor, e também do *virtuose* do piano, apaixonado por Wagner, segundo êle “o gênio incomparável”. O cientista, que tanto gostava de contar ou saborear uma anedota, entre duas complicadas e difíceis experiências sôbre a respiração, quanto de executar um trecho de Beethoven, depois de haver cruelmente escalpelado uma pobre rã, jamais se deixou vencer. Embora sem chegar aos extremos daquele Brown-Séquard, por êle próprio referido, que viajava acompanhado de cobaias a fim de não interromper as suas observações, MIGUEL OSÓRIO foi sempre um pesquisador infatigável. E, melhor do que isso, o pesquisador a que não faltou o sal do filósofo. Por isso mesmo, viu

muito, viu longe, e meditou ainda mais. Não admira, pois, que dêse conjunto desabrochasse o grande cientista, dentre cujos trabalhos há logo que ressaltar aquêles sôbre o tónus nervoso e com o qual desvendou mais uma das sabedorias da natureza, que, providente, nos conserva em permanente estado de alerta, com nervos e músculos sempre afinados, prontos para a ação, até nos instantes que se diria de maior relaxamento. A nossa consciência pode ser surpreendida: nunca, porém, o nosso inconsciente, que, para o manter em estado de eterna vigilância, tem por si, além do mais, a pele com tudo quanto ela possui de maravilhoso como captadora das excitações suscitadas pelo ambiente. Decorrência dessas investigações, hoje universalmente consagradas, é a teoria da excitação, ou estado de excitação, prelúdio da famosa e complexa teoria matemática e físico-química da excitabilidade nervosa, tão séria e original que valeu ao autor o ambicionado prêmio Sicard, que a Faculdade de Medicina de Paris concede de dois em dois anos ao melhor trabalho produzido, no mundo, nesse lapso de tempo. Não seria o bastante para a glória de um cientista?

Igualmente valiosos foram os estudos e descobertas em tórno da crio-epilepsia, e com

os quais, graças à técnica inteiramente nova, logrou realizar o que BROWN-SÉQUARD tentara desde o meado do século passado, e abrir caminhos ao estudo funcional do sistema nervoso central, bem como da farmacologia. De fato, dotado da paciência peculiar aos grandes amorosos, livre de todos os laços do preestabelecido, cheio de curiosidade científica. Miguel Osório, durante largos anos, deleitando-se em desvendar alguns desses segredos avaramente guardados pela natureza, teve a sua privilegiada inteligência voltada para a pesquisa de novas verdades imaginadas ou entrevistas pelo sábio. Não concluirei, porém, essa breve referência a alguns dos trabalhos do eminente pesquisador sem mencionar os que efetuou sobre a fisiologia do labirinto, e nos quais, ainda uma vez, revelou o mesmo espírito original, ágil, pertinaz, e por isso mesmo apto a vencer os obstáculos antepostos aos objetivos que desejava atingir.

O que, porém, jamais o abandonou, e bem lhe caracteriza os trabalhos, foi o total desinteresse, que se refletia não somente no desapego às vantagens de ordem material, mas também na indiferença aos aplausos e glórias. Fêz ciência pela ciência, e os seus estudos nunca se subordinaram a outra hierarquia que não fôsse a das suas tendências em deter-

minado momento, alheio à solução de qualquer problema de imediata aplicação ou utilidade. Certamente, sabia da existência de “homens práticos, que ostensivamente desprezam as preocupações desinteressadas da ciência pura, declarando-as inúteis e vãs, e proclamando sonhadores inofensivos os que a elas se dedicam; e homens de ciência artistas que desprezam por completo as aplicações práticas, considerando-as nocivas e perniciosas. Os primeiros, conclui o próprio Miguel Osório, não compreenderam a ciência, os segundos nada compreendem da vida”. Situou-se assim entre os que não conseguem demarcar fronteiras entre a ciência pura e a ciência aplicada, que afinal não são senão uma única e mesma coisa: a ciência. E, se dentre os seus numerosos trabalhos não se conta algum que tenha, de logo, debelado uma dor, extinguido uma enfermidade, ou estancado alguma epidemia, que podemos saber nós da utilidade que terão amanhã para tornar o homem menos sofredor ou mais longo? O que hoje se afigura inteiramente sem utilidade prática, não raro alcança amanhã os altares do reconhecimento universal. E, por vêzes, aquêlê que busca determinado objetivo vem a encontrar aquilo de que jamais cuidara.

Do primeiro caso é flagrante exemplo o estudo das seções cônicas pela escola de Alexandria, e que dir-se-ia mera especulação para recrear o espírito. Realmente, só o transcurso de séculos fêz que idéia aparentemente tão abstrata viesse a ser o fio da meada para o conhecimento de medidas astronômicas, que se tornaram, na época, o norte e a segurança dos navegantes. Do segundo nada mais eloqüente do que os trabalhos de Pasteur sobre certa doença dos bichos da sêda, e com os quais êle, que não era médico nem veterinário, revolucionou a medicina até aos nossos dias. Por tudo isso, o essencial, para se avaliar uma obra científica, não está em saber-se da sua utilidade imediata, mas da contribuição que representa no desvendar novas verdades, e portanto novos caminhos. Até porque os degraus pelos quais se alcançam os descobrimentos de maior benefício imediato, são, em regra, aquêles que parecem mais vãos, mas sem os quais não se construiria a escada do progresso humano. Como desvendaria Galileu o mundo celeste sem as lentes, que outros haviam descoberto? Qual a sorte da astronomia de Aristóteles, o mais perfeito dos sábios da Antiguidade, sem as observações dos caldeus recolhidas por Alexandre? Daí poder dizer Challaye, referindo-se à ciência, que,

“quanto mais desinteressada no presente, de maior utilidade será capaz no futuro”.

O certo é que, através de uma grande e nobre vida de cientista — e nisso não faço mais do que repetir o depoimento uníssono dos seus contemporâneos — logrou MIGUEL OSÓRIO, com a sua clara inteligência, não apenas edificar alguns dos degraus destinados a elevar o homem, mas também, e sobretudo, legar aos discípulos, que foram tantos e que tanto o admiraram, um raro e belo exemplo de amor à ciência pela ciência.

Contudo, tão inquieta e viva lhe era a inteligência que não se pôde confinar entre as paredes do laboratório. E, enquanto era êle próprio a personagem dêsse romance que nos disse haver em tôda obra de ciência, quis também escrever um romance, que fôsse a expressão de alguns dos seus sentimentos e observações. Deixemos que nos conte essa aventura: “De uma feita, porém, prestei maior atenção a vozes que pareciam reclamar alguma coisa além dessa contemplação de abstrações e transcendências: um consôlo, amparo para dores mais humanas, imediatas, e, enquanto no laboratório passava horas fazendo medidas rigorosas e complexas, eu porfiava no afã de resolver equações destinadas a traduzir, em t ermos precisos, as manifes-

tações visíveis da realidade obstinadamente oculta, em casa deixava correr a pena em pá-lidas tentativas de exprimir as angústias de algumas almas sem abrigo. Quando tudo acabou, aos fisiologistas apresentei uma teoria matemática e físico-química da excitabilidade, aos amigos mostrei duas-ou três centenas de páginas”. Era o seu romance, que intitulou de *Almas sem Abrigo*, e ao qual, pelo que tem de autobiográfico, talvez se aplicassem aquelas palavras com que se referiu a MEDEIROS E ALBUQUERQUE: “Intencionais talvez não fôssem, mas o escritor não fugia à regra: atribuir a seus personagens idéias e sentimentos, aspirações e atitudes, impressões e lembranças que lhe pertencem”.

Em verdade, não era o romance o forte de MIGUEL OSÓRIO, que, ao tentá-lo, como que nos quis apenas mostrar de quanto era capaz a sua poderosa inteligência. Nos ensaios, sim, é que as qualidades do escritor se afirmariam de modo inconfundível, graças às raras virtudes literárias, que lhe ornavam o espírito. Virtudes tão acentuadas que me fazem lembrar aquêlê conceito de Coleridge sôbre Sir Humphry Davy, de quem dizia que se “não tivesse sido o primeiro químico, teria sido o primeiro poeta do seu tempo”. De fato, ao deixar os seus instrumentos para elaborar um

ensaio, MIGUEL OSÓRIO parecia sentir-se em casa. Abordando temas com o objetivo de torná-los acessíveis a público bem maior do que o dos seus discípulos, logrou dar a cada qual dêles um interêsse, um sabor, uma transparência, que fazem de muitos dêles verdadeiras obras-primas no gênero. É que, filtrados através da alma do filósofo, os conhecimentos do cientista perdem certas arestas, que, por vêzes, os fazem enfadonhos aos não iniciados, e ganham uma nota de sedutora universalidade. Realmente, em muitos dos ensaios em que vulgarizou assuntos científicos, logrou Miguel Osório um equilíbrio sòmente possível num espírito em que a ciência não houvesse fechado para a vida aquelas janelas de que já vos falei. Alcançou assim o milagre de vulgarizar a ciência sem banalizá-la, antes servindo-a como poucos a serviram no Brasil, pois atraiu o interêsse e a simpatia de novos círculos para muitos dos problemas que afligem e esmagam os nossos cientistas. Poderia mesmo dizer que êstes talvez não se tenham dado conta inteiramente do quanto devem ao companheiro que tantas vêzes deixou o laboratório para clamar em favor dos que, apesar de esquecidos pelo Poder, se dedicam heròicamente à ciência pela ciência. Essa, a meu ver, a nota dominante nos magníficos ensaios

reunidos em volumes que pelo tempo afora guardarão o nome de Miguel Osório, cuja pujança intelectual se reflete naquelas páginas somente possíveis a quem fôsse, a um só tempo, cientista, filósofo e escritor. De fato, êle assim era. E foi isso que lhe permitiu ser não apenas um homem de ciência, mas sobretudo um grande e belo espírito. Aquêles espírito que, para usar expressão possivelmente grata a êle, eu chamaria de gaulês: isto é, diáfano e profundo. Nem a outra circunstância deve-se aquêles episódio narrado por TRISTÃO DE ATAÍDE ao nos informar que, ao falarem MIGUEL OSÓRIO e AMOROSO COSTA, em Paris, a “um público da mais alta cultura, a frase autêntica que brotou espontânea dos melhores de lá, foi esta: *ceux-ci pourraient être des nôtres*”. MIGUEL OSÓRIO, no entanto, e felizmente, era dos vossos. Bem dos vossos; desta Casa de Machado de Assis, a que enalteceu aqui e no estrangeiro com aquêles espírito no qual a severidade do pesquisador se aliava às maneiras do homem de salão e do conversador cheio de verve, em quem o físico, antes da palavra, sublinhava a figura encantadora. Esbelto, lépido de movimentos, a barbicha ruiva, que lembrava um daqueles “maíses” do século do descobrimento, a servir de moldura ao perfil aquilino, era um dês-

ses tipos inconfundíveis, e aos quais basta ver-se uma vez para jamais o esquecer. Não me custa, portanto, imaginar que estais talvez a vê-lo levantar-se de uma dessas poltronas, irrequieto, o cabelo meio em desalinho, revólto por um sôpro dêsse ideal de beleza e trabalho, que lhe encheu a fecunda existência. Alucinação? Sonho? Fantasia? Não — apenas a mais viva das realidades, tanto é certo que MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, o sábio MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, aqui está e aqui ficará *ad immortalitatem*.

DISCURSO DO ACADÊMICO  
MENOTTI DEL PICCHIA



*Acadêmico Luís Viana Filho:*

Estou adivinhando que duas razões — além da minha admiração velha e proclamada — fizeram com que meus pares me escalassem para recebê-lo no pórtico da Academia: uma fatalizada afinidade — nosso gosto pela política — e nossa confraternização revoltada e libertária nos dias frustrados e épicos de 1932.

A primeira das razões, nesta casa presidida pelos numes angélicos do amor gratuito e sem jaça pelas coisas do espírito, talvez não milite muito em nosso favor. A política, tal qual geralmente se processa no Brasil, vem, não raro, de toga tisonada por um debrum saturnino: a passagem fatal pela zona passional dos tumultuosos comícios onde, hoje, a demagogia ombreia, não raro, com a audácia e a improvisação. A sua “cândida”, porém, não traz nódoa. Seu amor à política foi voca-

ção, como o meu foi curiosidade artística e, depois, consciente aceitação de um dever. E tão genuíno era êsse amor no seu temperamento, que a obra literária, transformada em aldraba de ouro com que bateu à nossa porta, é, no autor de *A Sabinada*, eminentemente política. RUI e NABUCO, objetos das suas pesquisas biográficas, foram do que nossa política teve de mais santo. Pode o acadêmico LUÍS VIANA FILHO ir sentar-se calmamente numa dessas poltronas, pois sôbre ela adejarão as sombras de RIO BRANCO, RUI, NABUCO, LAURO MÜLLER, JOÃO LUÍS ALVES, GETÚLIO, JOSÉ BONIFÁCIO, o *Moço*, seu patrono, e outras criaturas excepcionais que puderam ser, sincronicamente, sem perder substância, grandes políticos e grandes escritores.

No fundo todo verdadeiro escritor é, de certa forma, um político. Não trarei à baila o caso específico de Dante — o vate supremo — uma vez que o divino guelfo, por político, acabou exilado, tais fêz êle na flor-de-lisada Florença. A política da inteligência, vestida sempre de roupagem literária, melhor socializa a idéia e sempre vem tocada de um alto ideal construtivo. Poder-se-ia até escrever um tratado sôbre a poesia da política, pois, sendo

ela, no seu mais alto sentido, a arte de governar os povos, sua finalidade suprema é atingir a harmonia e a paz sociais, dois ingredientes eminentemente poéticos. Tão poéticos e tão ideais que só existem, realmente, na imaginação dos estadistas-poetas, como Roosevelt, como Churchill, capazes de galvanizar as nações citando um verso no justo instante em que se decide a sorte da humanidade.

Esse conceito de política, que é o seu, Sr. LUÍS VIANA FILHO, o absolve da preferência aqui tão corajosamente há pouco confessada. Antes da poltrona acadêmica, almejou sua vocação uma cadeira do Parlamento. Desejou-a com tanto ardor que, em 1934, eleito deputado federal, levou com seu diploma tal juventude para o Congresso, que foi logo proclamado o Benjamim da Câmara. Esse conceito de política e seu ímpeto de moço propiciaram a segunda razão que justifica ser eu quem lhe fale: nosso encontro nas trincheiras de 32, na mais lírica das arrancadas revolucionárias. Nessa hora, a Bahia culta, e a mocidade impávida da terra de CASTRO ALVES ergueram o grito tradicional "pola ley" e acordaram junto das suas igrejas barrocas, cheias de imagens tão pitorescas, os ecos da

voz do Poeta, sonoros do sentido de liberdade. O desafio bandeirante à perpetuação da ditadura encontrou o moço inconformado na ala dos que se entrincheiraram na Faculdade baiana, legítimo reduto dos que se batiam pela ordem constitucional na hora em que se apagavam as luzes da lei. Da intensa vibração espiritual dêsses instantes épicos, em que S. Paulo de Rui via a seu flanco a Bahia de PEDRO DE TOLEDO — S. Paulo do “civilismo” e a Bahia “constitucionalista” — Alcântara Machado, o que tinha sua mesa de trabalho “como o leito de Ulisses”, prêsa por seculares raízes à terra-berço, deu, nesta sala, em memorável discurso, o clima heróico e a indomada bravura. Nossa vitória, obtendo a Constituinte, foi precária. Em S. Paulo formou-se a “Frente Única”. Na Bahia, ao lado de Prado Valadares, Nestor Duarte, Aloísio de Carvalho, Eugênio Gomes, Inocência Calmon, Gilberto Valente, Lafaiete Pondé, José Silveira, Miguel Calmon e João Mendes, o novo acadêmico perfilhava o “Manifesto da Liga da Ação Social e Política” e, dentro de uma programática orgânica mas idealista, pisava o tablado dos comícios de toga cândida, porque limpos eram seus processos e alvíssimos seus ideais.

Pôde, Sr. LUÍS VIANA FILHO, neste nobre exercício de sinceridade que é um discurso acadêmico, orgulhar-se do seu pendor para a política porque, como a exerce, tem ela a grandeza aristotélica de ser um nobre pensamento em ação, todo voltado para o bem da comunidade. Todo escritor é, por destino, um político: o romancista, que faz pesquisa humana na estrutura social; o ensaísta, que analisa e debate os problemas; o crítico, que passa pelo crivo da sua cultura o esforço da criação alheia no intuito de identificar os valores, ensejando sua catalogada disponibilidade para melhor ilustração e orientação da comunidade e o poeta, — *l'homme qui refait le monde* — supremo político, porque surpreende o pensamento no seu núcleo germinal, puro e incontaminado, como assinala Novalis, sem vê-lo enquadrado nas categorias dos filósofos, nem transformado em material específico para a formação de uma ciência. O poeta — vêde Dante, Hölderlin, Goethe — é um político que descobre até as normas que regem o céu e o inferno... Sua intuição adivinha e revela a conduta dos homens oferecendo, assim, tôda a essência de que carecem os legisladores. É Egéria inspirando Numa. É Homero iluminando Péricles.

Hoje, ilustre acadêmico, mais do que nunca precisa a política dos pensadores e escritores para renutri-la de essência e de beleza. Essa palavra vai-se descolorindo de tal forma no estorricado “deserto de idéias” que alguns dos seus profissionais rasgaram numa área da vida nacional, que os dicionários honestos a registrarão, talvez, apenas como um jôgo astuto de rasteiras ou como uma estratégia meramente eleitoral, na qual a audácia precisa ser fartamente acolitada pelo dinheiro.

Precisamos, na política e na administração, mais do que da inflação de leis com que se trava a expansão do país, de um largo pensamento capaz de dar sentido racional e lógico à própria estrutura do Estado. Precisamos, mais do que de homens carismáticos, ou demagogos, de espíritos orgânicos semeando idéias, idéias como as semeavam Tavares Bastos, Alberto Tôrres, Nabuco, Rui, Euclides, Calógeras, Oliveira Viana, Roberto Simonsen. É que uma revolução se processa no mundo e, entre nós, um corpo emaranhado de leis, como fios de um casulo onde jaz uma larva morta, defende um pensamento arcaico e traça a arquitetura estatal de um edifício constitucional superado, senão em parte obsoleto. Resumimos os problemas nacionais ao parto dra-

mático e periódico do homem destinado ao supremo comando, do qual, dada nossa absurda e absorvente centralização, emanarão tôdas as graças e todos os benesses. Raciocina-se, pois, em função antropomórfica: que jeito terá o homem? E êstes oito milhões e meio de quilômetros quadrados, ricos de tôdas as riquezas, povoados por um povo que, pelas suas origens titânicas e pela mescla poligenética plasmou a maravilha da “raça cósmica”, jazem dormentes e quase ilegislados, como se um Caapora telúrico trancasse as suas riquezas e seu absurdo emaranhado de leis, que não funcionam, arrochasse o corpo hercúleo da nação como os múltiplos cordéis dos liliputianos amarravam o corpo do gigante Gulliver.

Se a política nos assusta, senhor acadêmico, ela é, ainda, para o nosso desespero, uma suprema esperança. A nação ainda tudo espera dela. É que a concebemos como a conceberam nossos pares: arte de governar os povos para sempre atualizar-lhes os processos de vida e promover a felicidade das comunidades humanas. Ouvi alguns dos seus discursos na tribuna da Câmara, Sr. LUÍS VIANA FILHO. Louvei o Senhor por tê-lo fatalizado à política. Falava o doutrinador expondo, com arte, um pensamento orgânico. Preocupava-o

o problema dos nossos partidos. E, quando aqui declarou que o demônio da política o tentou primeiro, resolvi, desde logo, pleitear junto dos meus pares indulgência e perdão para tão temerário neófito. Era, ao lado de um brilhante pugilo de seus companheiros, um “político de idéias”. E como as expunha com arte, fácil era identificar no político o escritor. E é a êste que recebemos.

\*

\* \*

Que escritor? Um biógrafo!

Aqui começam meus temores. Causam-me certa apreensão os biógrafos... Basta dizer que, em vida, já meus canhestros biógrafos atribuem a dois Estados e a três cidades a vulgaridade de ter sido meu berço: S. Paulo, Pouso Alegre e Itapira... Sinto ter nascido apenas na primeira delas, em S. Paulo, a maravilhosa megalópolis quadricentenária, porque o mundo não assistiu ainda ao milagre de alguém ter nascido, simultâneamente, em três localidades... Vê, sr. LUÍS VIANA FILHO, o que pode acontecer à gente? Há mais: há uns tempos, meu cunhado Sr. João Queirós Assunção Filho — que é meu biógrafo doméstico — na minha presença, com uma convicção que

me comovia e me obrigava a não contrariá-lo, contou a uma roda de jornalistas como eu escrevera as *Máscaras*. “Em Santos, no antigo Miramar, num carnaval orgiástico, inebriado de champanha e de éter, na presença carnal de uma fascinante Colombina...” Pois foi em S. Paulo, num hotel da Rua Líbero Badaró, sozinho no quarto, sem beber uma gota de álcool, meses depois da Semana Santa!

Estas duas experiências me inquietaram com relação aos Plutarcos, Suetônios, Boswells, Stracheys, Vasaris, Mejerowskys, Ludwigs, até meu admirado Pedro Calmon, que me ofertou o mais vivo e bizarro perfil de Pedro I.

Um biógrafo pode ser um indivíduo mágico. Com uns fragmentos de lápide do templo de Al-Ubaid, umas tradições quase míticas da gente sumeriana e algumas hipóteses, é capaz de retratar o chefe da primeira dinastia de Ur, como Cuvier, de um osso fossilizado, reconstruía a estrutura de um brontosáurio. Há uma anedota em que um filho com muita ternura e pouco miolo pediu a um pintor que lhe fizesse um retrato do pai falecido. “Tem fotografia dêle?” “Não”. “Algum desenho?” “Não”. E deu ao pintor notícias somáticas do progenitor morto: bigode grande e preto, testa curta, nariz rombudo. Feita a

pintura com tais ingredientes, o filho, ao ver a obra, quase desfaleceu decepcionado: "Oh! o meu pobre pai como está mudado!"

Não se assuste, acadêmico LUÍS VIANA FILHO: eu já deparei com vários Napoleões "muito mudados"! Uns épicos, de perfil de águia em vôo desferido, como no quadro de David, todos resplandecentes de sonho e de glória. Outros, vulpinos e calculistas, esgueirando-se pela política entre Tayllerand serviçal e escorregadio e Fouché tratante e policial, a arrastar uma desaçaimada fome de poder, tendo aos calcanhares a matilha da família esfomeada. Qual, dentro dessas centenas de corsos fatídicos vivendo na carne biográfica das palavras, é o pálido cadete de Brienne, o conspirador vitorioso do 18 Brumário e o estrategista genial de Marengo? Quer mais? O meu Lincoln era o lenhador longo, magro e atlético, estranho morcêgo funéreo flabelando as abas da sobrecasaca desalinhada, limpo e reto de alma, soturno e introvertido de espírito. O amor o tornara romântico e pusera lágrimas que estriavam as chanfras da máscara talhada em ângulos como estalattites pingando em anfractuosidades de rochas. Estóico na dor, hábil no governo, assistia, impávido, o drama do seu povo, integrado no ideal de lavar na terra a mancha

das discriminações raciais. Pois sabe como manipulou, com ingredientes prosaicos, êsse mesmo Lincoln um seu recente colega, o popularíssimo Dale Carnegie? Um cidadão pouco asseado e displicente, infelicitado por uma espôsa ciumenta, neurótica e negociista, renteando pela inépcia no govêrno, vencendo pela surprêsa de um acaso a parada política e ganhando a guerra mais pela testarudez que pela genialidade.

Que me dirá de tais contrastes o autor da *A Vida de Joaquim Nabuco*? Já sei. Na sua magnífica *A Verdade na Biografia* responde, com cauta antecipação, a esta fatal objurgatória que aguarda todos os biógrafos, senhores da arte quase divina de recrear as criaturas, fazer das cinzas das suas memórias carne e nervos, ação e espírito, para nos dar, como nos deu, por exemplo, Maurois, o fidalgo judeu ítalo-britânico, Disraeli, vivo e gracioso, desesperando Gladstone com sua malícia política e encantando a grande Rainha com um madrigal ou uma rosa. Que linda coisa: um criador de império arrulhando versos... Seria isso ou seria, num disfarce de poeta, um voraz imperialista falando em cifras e arquetetando, à sombra da esquadra inglêsa, expedições predatórias? Na vossa mão, ó biógrafos, está o poder de fazer-nos ridículos ou grandes!

A nossa ressurreição espectral está na fôrça da vossa simpatia e na esperança da vossa integridade ou na autenticidade dos testemunhos e dos documentos, porque biografia é apenas história. E o que é história, essa memória congelada no tempo, senão um admitir que “sim” de alguma coisa que pode ser substancialmente “não”? Lembra-se daquela fina sátira de Daudet — o enciumado inimigo das Academias — ao ironizar o infeliz “imortal” Astier-Rehu, fazendo-o revolucionar a história da França baseado, cândidamente, em textos e pergaminhos gatafunhados por um refinado falsário? História pode ser “história”, no pessimismo bem humorado do povo. O zêlo da sua autenticidade depende de mil circunstâncias. Homero funde o humano com o divino e a realidade às vêzes se esfuma em mito, na fuga surrealista de uma transferência de planos. Nesses mitos — nódulos de complexos sociais ou, como quer Mircea Eliade, “modo de ser no mundo” — vai, não raro, o biógrafo destacar o herói, compor-lhe a vida, como as dêsses reis fabulosos, Menelau, Édipo, Numa Pompílio, cuja essência é um hibridismo paradoxal de humano e social porque, como mitos, são criaturas que incorporaram, na sua essência, seu drama pessoal e o espírito do seu tempo transformado em alegoria.

Estou dizendo isto, acadêmico Lúís VIANA FILHO, para lembrar que a sua arte específica, a biografia, pede o que sua cultura e honestidade lhe têm dado: prudência na escolha do material e imparcialidade no expor. Nunca me esqueço, quando penso na história — pois biografia não é mais que a história de uma vida e a história, no conceito carlyliano, uma seqüência de biografias — do cético e indulgente Anatole France nas páginas maliciosas da “île des pingüins”, nas quais uma hetaira se transforma em santa e se sagra, nos altares, como Santa Orberose, sòmente porque as partes mais ondulantes do seu corpo eram famosas por terem a graça móvel das ondas e a côr cálida das rosas.

Entre nós que se tem feito do nosso Tiradentes? E Calabar, Judas cívico ou herói frustrado, manipulado ao gôsto das preferências passionais ou políticas, ora acusado da sórdida felonía de quem trai o próprio berço, ora redimido na sua defecção por se lhe atribuir o sonho de um futuro diferente para seu país, isento das humilhações da servidão reinol? Como pode o biógrafo fixar “a verdade” do biografado, problema tão árduo e complexo que lhe custou um livro? Sòmente “Deus todo poderoso”, no dizer de Whitman, produz, com sua divina criação, a verdade de uma criatura,

porque a verdade é uma essência e a visão humana dessa verdade, uma vidência, portanto, um espelhismo.

Como vimos, cinemático nas suas transformações corporais e psíquicas é o modelo do biógrafo; cinemática a evolução mental e temperamental do indivíduo exposto ao meio social, também êste cinemático. Conclusão: o biógrafo é um caçador que desfere seu tiro em ave em pleno vôo, fundido seu vulto na bruma, tão instável, tão múltipla e, por isso mesmo, tão infixa a personalidade à qual procura dar a constante de um retrato. Pode atirar numa pomba e acertar num marreco. Na realidade uma alma é um ponto de vista. RUI, o seu RUI, Sr. LUÍS VIANA FILHO — é um constante problema no tempo. Do ângulo de um clima social em que se coloque o biógrafo depende ser êle o arquiteto liberal de nossa democracia ou, pela prematuridade dos seus esquemas, um desfigurador perigoso, porque sedutor, das nossas agrestes realidades.

Qual é a personagem que sai autêntica e imutável de uma biografia? Sòmente as criaturas ideais. Na verdade — e Pirandello tinha razão — realidade integral é apenas a “personagem” no puro sentido da criação literária. Aliás tais personagens, quando vivas da vida que o consenso unânime lhes dá, são

as únicas definitivamente reais, porque infungíveis no seu atrito com o tempo. A personagem literária é o “ente de razão” kantiano, vivendo sua inamalgável existência de arquétipo, ubíqua e universalmente presente, íntegra na carne da sua estrutura somática imaginada, carregada eternamente da mesma carga anímica. Não flutua como homem ao vento das opiniões e das necessidades, o qual será fatalmente inúmero e irrepresável para seus biógrafos, portanto parcela ou instante de si mesmo, mas não seu todo vibrátil. O personagem porém não muda. Não oferece ângulos na sua estática de criação intemporal, não atingida pelo fluxo e refluxo das opiniões, não violada na sua imortal textura pelo desgaste implacável do tempo. Essa biografia, a do “personagem”, é a única que pode oferecer, com segurança, o sêlo da autenticidade. Exemplo: *D. Quixote de la Mancha...*

Lá vai o cavaleiro andante pelos caminhos do mundo oferecendo resgate à honra ultrajada, punindo vilões, abatendo gigantes. Lá vai no seu magro corcel de guerra, comovido e errante espetro do universal anseio de beleza e de justiça. Traz por celada um pedaço de papelão no morrião cômico de azinhavre. As pernas balouçam ao longo das costelas do rocim lastimável. Todo êle é integridade e so-

nho. Os homens de todos os tempos se fixarão no seu vulto mais vivo e presente que o de César, que o de Zenóbia, que o de Gengis Khan, porque êle pertence a tôdas as pátrias, ou melhor, porque êle não é herói nacional, mas apenas o herói humano. Nenhum documento modificará uma só vírgula da sua verdade. Nenhuma polêmica porá em dúvida seu berço, sua filiação, sua formação, suas andanças. Essa biografia, que Cervantes traçou, não sofrerá contestações, nem encontrará um crítico para retificá-la...

Aí está, Sr. LUÍS VIANA FILHO, onde quis chegar. Isso para sua defesa e não para libelo da sua profissão literária. Quis registrar quão difícil é ser exato e fiel no sofrido esforço de reconstruir uma vida. Aliás isso ficou bem claro na sua esplêndida *A Verdade na Biografia*. Esse livro — entre nós o mais completo ensaio no gênero — também serve para colaborar na sua biografia. Livro polêmico, réplica vibrante aos reparos de HOMERO PIRES à sua *Vida de Rui Barbosa*, mostra como sua aparência pacífica e doce erica-se de vibrante combatividade quando provocada ou ferida. Estou a crer que os instantes de sagrada cólera que lampejaram nesse livro lhe ofertaram — e ofertaram às letras nacionais — a oportunidade melhor para resplandecer seu

espírito na plenitude da sua cultura e na vibração do seu estilo. Todo o problema da biografia ali é exposto. Dêle ressalta a honestidade com que sua arte procura reconstruir a vida das personalidades que escolhe, “buscando transmitir, com a máxima exatidão possível, a descrição de uma vida e a fisionomia de alguém”. Os seus “alguéns” foram Rui e Nabuco.

\*

\*      \*

RUI e NABUCO. Era fatal que fôsem os tipos da sua predileção. Políticos, escritores. O baiano “cabeça de mapa-múndi contendo a erudição de cinco continentes”, na humorada alegoria de um poema, e o fino fidalgo senhor de engenho, que somava à graça do corpo os requisitos do espírito. O proletário aristocratizado pela genialidade e o fidalgo proletarizado pelo coração. Êste, o reformador; aquê, o revolucionário. A Abolição e o federalismo. O inglês e o americano. O “ontem” tão nobre e exato na sua história lógica imperial e o “amanhã” tumultuário, à procura de novas e cambiantes surprêsas de uma chucra liberdade ora licença, ora ditadura, dentro do tempo enigma da República.

Nessas suas duas obras fundamentais, em que um estilo mais próximo de Tácito que de Suetônio vai recortando, em páginas sóbrias, mas ricas de informação e de observação, os perfis dos dois grandes brasileiros, realiza-se a plenitude da sua vocação literária para a biografia. Tais livros sagram-no mestre no gênero.

Em 1941 publicava a *Vida de Rui Barbosa*. A boa lógica determinaria que, antes, escrevesse a vida de Nabuco, mas esta nasceu do seu ensaio *Rui e Nabuco*, história de uma recíproca admiração que se sedimentou em nobre amizade. Reivindico a ordem cronológica por sentir que êsses dois homens excepcionais encarnaram duas épocas e foram os divisores de dois ciclos históricos. O gênio e o patriotismo de ambos elidiram o choque, nuançando a transferência dos valores imperiais para as inovações da República. Na essência, por um paradoxo, era esta a reação contra a generosa concepção libertária do império, que morria ao dar à luz um dos nossos mais belos instantes históricos: a Abolição, portanto, a inauguração, no Brasil, da plenitude da liberdade. Aliás, Nabuco, mais do que ninguém, sentia sua fatalização de propiciador dos novos tempos, afirmando que “o político perfeito é o que foi conservador e foi li-

beral, porque assim se formam a moderação e o progresso das idéias... Não se alcança a verdadeira posição senão vendo os dois lados das coisas”.

De um lado estava êle, fiel ao seu mundo em ocaso, sem melancolia porque, no fundo do coração, partilhava da alvorada das liberdades em que o novo regime alvorecia. Sua aristocrática figura vive nas páginas com que lhe retraca o roteiro da nobre vida, Sr. Luís VIANA FILHO. Lá está o diplomata apolíneo, mais artista que político, traçando o retrato do seu ideal nesse largo painel sentimental, histórico e político, que é a obra-prima que nos legou, “Um Estadista do Império”, Nabuco é uma inteligência ocidental embebida na alta cultura inglêsa, vivendo a civilizada concepção artificial do império nessa ilha cultural litorânea do seu mundo doméstico e político, tão distante da realidade telúrica, das fórmulas ainda silvestres e larvares da cultura do “hinterland”. Estas esfervilhavam nos confusos ideais democráticos, que se exprimiam por convulsivos paradoxos, ora cristalizando-se na República como forma punitiva à revolução econômica produzida pela Abolição, ora levantando, em Canudos, a sombra vingadora e absurdamente monarquista de Antônio Conselheiro, libelo das populações lar-

gadas ao seu triste fadário por êsse mesmo império do qual a ignorância fanática era saudosista, império que vivia extrovertido, fiel à sua matriz mental que era a arquitetura burocrática e o espírito legal das codificações reinóis.

Era natural sua preferência por Rui. Rui é o menino prodígio da democracia, o cidadão avançado, uma espécie de Júlio Verne que virasse estadista. Fascinavam-no os novos inventos criados pelos políticos de outras pátrias e sonhava fazê-los funcionar num povo ainda infante que ensaiava pelos vastos 8.500.000 quilômetros quadrados de um chão ainda selvagem, em nódulos demográficos rarefeitos, um tipo inédito de vida em comunidade. Seu frustrado federalismo é um vislumbre intuitivo do que o país está a exigir: a adequação racional das leis e da administração aos vários agrupamentos patrícos já tipificados por força da economia, da história, da cultura, pelas condições ecológicas das várias regiões. O erudito evade-se da realidade na sua iluminada fuga rumo do seu alto saber ou sonha amoldar o homem agreste às perfeições jurídicas que civilizações avançadas de séculos criaram para si. A estrutura do estado americano torna-se modelo falho do seu presidencialismo absorvente e ditatorial, es-

quecido da lógica e orgânica descentralização administrativa e jurídica da terra de Tio Sam. Seja, porém, como fôr, o genial baiano, pena e bôca de ouro, sonha liberdades e progresso humano, leva sua ânsia igualitária à Sociedade das Nações, onde os Golias imperialistas são feridos na sua arrogância pela fulminante eloqüência dêsse intrépido David.

Essa vida nervosa e combativa, acadêmico LUÍS VIANA FILHO, soube fixá-la palpitante no seu livro. Nêle se vislumbra a ancestralidade biliosa do magro adolescente, tímido, que resiste aos impulsos da sua vocação beneditina, que quer confiná-lo num convento, para largá-lo a dialogar com Hamlet na sua devoção por Shakespeare, superando, porém, o pessimismo funéreo do príncipe com o luminoso idealismo de D. Quixote, o outro livro amado, fundindo-se, assim, no seu espírito, um racionalismo perquiridor e mordente e uma iluminada ânsia de justiça e de ideal.

Lá está o filho afetuoso e o irmão dedicado. Depois, vemo-lo aos pés de Maria Augusta, escolhendo a graça das suas toaletes — estranho Dior sábio e amoroso — a provar, com seu amor ininterrupto e casto, que “desde o início encontrou na espôsa o princípio e o fim da sua existência”. Assim vai surgindo seu Rui, enleado nas transações erradas do

*Papa e o Concílio*, no legado das dívidas paternas, nas aperturas mediócras do gênio lutando contra a necessidade. E aquêlê predestinado palpitar de asas — seu amor ao estudo, sua admiração pelos estadistas britânicos Peal, Gladstone, Palmerston, Pitt... — todo um preparar de vô... Agora o temos librado no zênite, procelária e águia, em meio às tempestades e aos triunfos, integrando-se na nossa companhia para não dar descontinuidade à glória de MACHADO DE ASSIS, de quem foi substituto, a justificar seu destino de ser padrão já lendário do mais alto cânon da inteligência brasileira. Tão subido e tão luminoso o seu vô, que pairou num mundo jurídico de perfeições celestes, alheado, nos seus êxtases eruditos, à manipulação calibânica da vida brasileira, com magos e feiticeiros tecendo, cá em baixo, as mandingas eleitorais com os ingredientes realistas da ignorância nacional, da nossa imaturidade política, da ambição dos sobas, da astúcia dos cabos. Nessa altura, dois mundos traçaram a dicotomia social da nossa gente, com dois líderes a identificar cada metade: PINHEIRO MACHADO e RUI. A terra e o céu. O pragmatismo orgânico e a fuga rumo das estrêlas...

A biografia, porém, é sua, não é minha, acadêmico LUÍS VIANA FILHO. Eu, ao narrá-la,

a vou desnaturando com impressões pessoais, o que prova o que provei antes, ou melhor, o que ambos provamos, eu no início desta oração e o novel acadêmico na sua *A Verdade na Biografia*: tôda biografia é um ponto de vista... Seus pontos de vista procuram honestamente rentear a verdade e nos dar as personagens o mais perto das suas próprias vidas.

\*

\*      \*

Não são, porém, sòmente o biógrafo e o político, que integram sua personalidade, senhor acadêmico. O jurista “in-herba”, de 1925, pisando os umbrais da Faculdade de Direito da Bahia, seria o advogado militante a partir de 29, depois, em 34, o professor de Direito Internacional Público, para, afinal, em 40, tornar-se o mestre na cátedra de Direito Internacional Privado da Faculdade que o diplomou. Jornalista, iniciando a carreira ao lado de Aloísio de Carvalho Filho, Hermes Lima, Clemente Mariani, Sodré Viana, no “Diário da Bahia”, passa para “A Tarde” levado por Aliomar Baleeiro, onde o político somma-se ao polemista. Polígrafo, nos dá, no se-

tor da história, *A Sabinada*, depois *A Língua no Brasil* e *O Negro na Bahia*, obra que GILBERTO FREYRE, com entusiasmo, prefacia e consagra. Êste trabalho, fundamental para os que estudam a formação social brasileira, rasga uma clareira na picada aberta por NINA RODRIGUES e perlustrada por OLIVEIRA VIANA, ROQUETE PINTO, ARTUR RAMOS, GILBERTO FREYRE e outros. A influência do negro na formação nacional decorre da verdade que ali proclama: "Todos nós, mesmo os que não têm nenhuma ascendência negra, trazemos na alma um pouco de prêto". Proclama em prosa o que há tempo eu disse em verso: "Trago na alma os fetiches de um macumbeiro mongongo..." Essa gôta de noite trouxe à alma do branco um debrum de céu noturno povoado de pesadelos e de estrêlas... O enriquecimento de uma vasta zona da nossa alma feita de inconformismo, superstição, inquietude, ingredientes que excitam a imaginação e os ritmos típicos e motivos selvagens e originais da nossa música, tão evidentes em VILLA-LOBOS, CAMARGO GUARNIERI, LOURENÇO FERNANDES, no alto nível das grandes sinfonias, trazem a marca do negro escravo, da sua música ritual, da sua angústia e do seu júbilo bárbaro, da sua sexualidade e do seu banzo.

Neste ensaio, a obra do sociólogo e de investigador é cheia de amor. LUÍS VIANA FILHO presta com ela justiça ao negro e se aprofunda no estudo de um dos mais fascinantes problemas humanos do Brasil.

\*  
\*   \*  
\*

Homem de tão inúmera ação e tão múltiplo saber vem continuar, nesta casa, a tradição de um político, de um jornalista e de um cientista, também grandes oradores, escritores e poetas. Perfeita afinidade. JÔSÉ BONIFÁCIO, o *Moço*, deslumbrou MEDEIROS E ALBUQUERQUE como tribuno combatente. MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, homem de ciência, encantava-se com o onimodismo de Medeiros e Albuquerque, jornalista, conferencista, poeta, amador da ciência, sobretudo, vulgarizador informado e curioso das coisas do mundo. MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA ainda vive em nossa memória como se aqui estivesse na irradiação da sua fascinante simpatia.

O acadêmico LUÍS VIANA FILHO participa das faculdades do seu glorioso patrono e dos anteriores ocupantes da sua cadeira. Como José Bonifácio, o *Moço*, é político e tribuno parlamentar. Como Medeiros e Albuquerque, é jornalista e ensaísta e, como MIGUEL OSÓRIO,

cientista, embora não sejam as ciências experimentais o seu domínio, mas as sociais e jurídicas.

Preenchendo a vaga de MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, traz para ela o historiador e o biógrafo, uma grande obra realizada e uma nobre vida até agora vivida dentro de uma discrição avêssa à extroversão. O fisiologista que ocupava essa cadeira era, porém, loquaz. Parece-me ouvir ainda o jôrro vivo de sabedoria e de graça que fluía daquela eloquência fácil, sávida pelo humorismo da anedota, facetada pela múltipla cultura e policolorida pela alegre arte de bem conversar. Eu o vejo sorridente, com seu perfil de sofista grego, no qual a ironia era argúcia e a eloquência pura alegria interior, discreateando sôbre qualquer assunto ao qual dava sedução de artista a substância do mestre. A ciência hoje, de fronteiras fluidas como observou o príncipe De Broglie, ora é uma sistematização de conhecimentos, ora um enigma que se esfuma em hipóteses. Do jôgo das escamoteações mentais a que se presta a arrogância da ciência — onde está a matéria? como se esvaiu em energia? — gostava MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, quando se integrava no puro artista que era — literato, músico, no fundo, poeta — no intuito de mostrar-lhe as limitações, le-

vando-o a indagar até onde “a ciência era um romance” e quando um “romance constituía uma ciência”. A entrada de qualquer espírito para esta Academia o imerge, automaticamente, nesse clima. Clima redutor das petulâncias axiomáticas, clima de humildade de espírito, compreensão sábia de que a verdade suprema é apenas um convite para uma honesta e constante revisão do que se apresenta, neste pobre mundo, como concepções fundamentais possivelmente estáveis. Os grandes juristas, sociólogos, médicos, afinal, cientistas — Rui, Clóvis, Pedro Lessa, Afrânio, Francisco de Castro, Miguel Couto, Roquete Pinto, Santos Dumont, Miguel Osório — afinal, os luminares das várias ciências no país, nesta casa se fundiram no artista, posição neutra e suprema, mercê da qual compreenderam que uma coisa é realmente imortal: a pura e gratuita ânsia do homem pela beleza. Uma sentença dos *Vedas*, um versículo do *Gênesis*, um fragmento da *Ilíada* perpetuam a sua verdade e, nas cambiantes do tempo, fixam o que é estável em meio do perecível. Esse sonho de beleza é o que nutre nossa imortalidade. Esta não sofre sínopes com a morte: continua no que toma a tocha do que tomba. O que é eterno nas Academias é a luminosa substância do seu sonho. Aqui está, acadêmico

LUÍS VIANA FILHO, o ponto alto dêste rito de iniciação: a senha sábia da precariedade. Aqui todos penetram na compreensão exata do fungível e adivinham que sòmente a continuidade é, realmente, imortalidade. A herança espiritual de MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA passa para as suas mãos. Não é seu patrimônio científico que lhe oferece em guarda, mas aquela quota de imortalidade que êle trazia na alma, legado de outras criaturas que êle amou e admirou e que conceberam a vida como a perpetuidade das coisas gratuitas e belas. Essa gratuidade espiritual e êsse perpétuo anseio de beleza são o clima da Academia. Agora, acadêmico LUÍS VIANA FILHO, pode integrar-se na sua imortalidade.

